

BARÃO DE PARIMA, O ESQUECIDO

Major ARIVALDO FONTES

Suas origens remontam aos valerosos paulistas, conquistadores dos sertões do Brasil. Descendente dos primeiros habitantes de São Paulo, que, mais tarde, povoaram o território mineiro, o Coronel de Engenheiros Francisco Xavier Lopes de Araújo, Barão de Parima, trazia a herança de desbravador (1). E outra não foi a sua missão durante 16 anos dos seus 58 de vida.

Nascido na freguezia de Santo Antônio, da cidade de Campanha (Minas Gerais) a 10-II-828, logo cedo encaminhou-se para a vida militar.

Assentou praça no Batalhão do Depósito da Côrte, em 1849, com destino à Escola Militar. Aprovado com nota plenamente em todos os anos do curso, é, no 3º ano, declarado alferes-aluno para a Artilharia. Em 1855, conclui os estudos, sendo designado para a Engenharia e recebendo o grau de Bacharel em Matemáticas.

Já em 1856, como 1º Tenente, segue para o Rio Grande do Sul, sob as ordens do Barão de Caçapava, como membro da Comissão Demarcadora dos limites com o Uruguai. Aí começa a sua faina de engenheiro-geógrafo, percorrendo quase toda a fronteira do Brasil. São anos de labuta incessante, arrotando perigos, sujeito a toda sorte de doenças e animado de idealismo sincero.

Das fronteiras do sul volta quatro anos depois, para, concluídos os trabalhos da Comissão, iniciar o levantamento da carta geográfica do Rio de Janeiro.



Tenente-Coronel

Francisco Xavier Lopes de Araújo

Em breve o Magistério absorve-o nas suas fileiras. Em 1861 é nomeado lente de Desenho da Escola Central e ajudante do Observatório Astronômico.

Mas sobrevém a guerra com o Paraguai. Seus serviços são reclamados na defesa da pátria invadida. Vai para a Comissão de Engenheiros, no Rio Grande do Sul e, depois, serve com o 2º Corpo do Exército.

Toma parte nos combates de Tuiuti, Curuzu e Curupaiti.

Recebe, como recompensa de serviços de guerra, o Hábito de Cristo e, posteriormente, a Medalha da Campanha do Paraguai (passador de ouro)

(1) "Descendia de D. Simão de Toledo Piza, que, no pósto de Capitão, tomou parte na batalha naval de Lepanto e de seu filho, de igual nome, que em 1668 faleceu em São Paulo" (vide "Genealogia Paulistana", de Silva Leme, vol. V, S. Paulo, 1904, pág. 445).

Durante a guerra, dentre outras missões técnicas, faz o levantamento das cidades gaúchas invadidas pe-Cel. Antônio Estigarribia (2) e a planta do forte de Curuzu.

Retornando do Paraguai, reenceta os penosos trabalhos de demarcação.

Já em 1872, sob a chefia do futuro Visconde de Maracaju, vai, como Comissário Militar fazer a demarcação dos limites com o Paraguai. Terminada a incumbência em 1874 é condecorado com a Ordem da Rosa (comendador).

Pouco se demora na Côte, porque em 1877 está chefiando, como Major, a Comissão Brasileira de limites com a Bolívia.

Ainda mais uma vez o Ministério dos Negócios Exteriores reclama a sua cooperação. Em 1879, já como Tenente-Coronel, vai chefiar a Comissão encarregada de fixar os limites com a Venezuela. Esta que foi a sua última comissão de fronteiras, êle a conclui em 1884. Sobre as dificuldades que encontrou em realizá-la, Dionísio Cerqueira (então Major) nos dá um relato preciso nas suas "Reminiscências da Fronteira" (3).

Ê ainda nesse ano agraciado com o título de Barão de Parima e nomeado Diretor do Imperial Observatório Astronômico do Rio de Janeiro. O Governô venezuelano, grato pelos serviços prestados a seu país, premia-o com a condecoração do Busto de Bolívar (2ª classe).

Mas os trabalhos de demarcação haviam combalido o seu organismo. E, dois anos depois, falece na cidade do Rio de Janeiro.

Ao que me consta, nada se fêz no Exército para cultivar a sua memória. Causa admiração que um nome como o do Barão de Parima não seja lembrado pelos pósteros.

Aqui vai uma sugestão. Por que

o Instituto de Geografia e História Militar, guardião das tradições e glórias das Fôrças Armadas, não reverencia a memória do Barão de Parima, colocando-o como patrono de uma das suas cadeiras? Estaria assim homenageado o digno substituto do Visconde de Maracajú, na Comissão de Limites com a Bolívia. Veneraria o querido companheiro dos Marechais Soares Andréa e Alcântara Bellegarde, na Comissão de Limites com o Uruguai. O último, em 1860, assim se referia ao então Cap. Francisco Araújo: "... "é um dos nossos mais hábeis engenheiros-geógrafos".

E que dizer do seu nome ao lado do não menos ilustre General Dionísio Cerqueira, seu discípulo na escola de formação e seu auxiliar nas lides da fronteira?

Ainda visando reparar injustiças, por que o Serviço Geográfico do Exército não o acolhe para Patrono? O nosso corpo de engenheiros-geógrafos, cuja dedicação e competência é por todos reconhecida, teria na sua vida "um exemplo digno de ser imitado". Não é supérfluo dizer que, mesmo quando afastado dos serviços de demarcação, contribuía êle para a formação dos nossos engenheiros, lecionando desenho e astronomia nas Escolas Militar e Central.

Com o intuito de colaborar lealmente para o engrandecimento do Exército, é que trouxemos as suas sugestões acima expostas.

Bibliografia :

- 1) "História das Fronteiras do Brasil", de Helio Viana, Rio, 1948.
- 2) "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro", dos Barões de Vasconcelos.
- 3) Fé de ofício do Barão de Parima.

(2) Missão de tremenda responsabilidade porque, determinada pelo então Ministro da Guerra, Conselheiro Ferraz, julgaria uma operação de guerra contra Estigarribia e de cujo insucesso eram incriminados velhos soldados do Império (vide "Caminhos Históricos de Invasão", do Ten.-Cel. Antônio de Souza Júnior", Rio, 1950, pág. 101 e seguintes).

(3) No livro citado, Dionísio Cerqueira se refere sempre ao Ten.-Cel. Araújo como "meu mestre" e diz sobre o êxito da missão citada: "O nosso chefe, o Ten.-Cel. Francisco Xavier Lopes de Araújo, que foi no fim da demarcação promovido a Coronel e galardoado com o título de Barão de Parima, porque o governô do Imperador considerou os seus serviços relevantes..." (Rio, 1928, página 157).